

RESENHAS

ALÉM DA HIPÓTESE ESSÊNIA. A SEPARAÇÃO DOS CAMINHOS ENTRE QUMRAN E O JUDAÍSMO ENÓQUICO.

São Paulo: Paulus, 2010 de
BOCCACCINI, Gabriel.

Kenner Roger Cazotto Terra

Gabriel Boccaccini é professor de Judaísmo do Segundo Templo e Cristianismo das Origens na Universidade de Michigan e diretor do *Enoch Seminar* que organiza uma reunião bienal para conferências com pesquisadores especialistas em literatura judaica do segundo templo e Cristianismos das origens. Seus principais trabalhos, além da participação com artigos em revistas especializadas, em especial no jornal *Henoch* (fundado em 1979), são os livros *Roots of Rabbinic Judaism: An Intellectual History, from Ezekiel to Daniel* e o “polêmico” *Beyond the Essene Hypothesis: The Parting of the Way between Qumran and Enochic Judaism*. Nesta resenha trataremos do segundo, traduzido para o português como “Além da hipótese essênia – a separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico”, no qual ele defende o que chama de “hipótese enoquica/essênia”, que vai além da clássica hipótese essênia.

1 Enoque pertence a uma antiga e autônoma vertente do judaísmo do segundo templo: o judaísmo enoquita. Desde 1979, num artigo da revista *Henoch*, Paolo Sacchi apresentou Enoque não somente como um protótipo do gênero apocalíptico, mas também de uma variante distinta do judaísmo. Em 1990, o mesmo Sacchi fez a primeira tentativa

de escrever a história desta vertente judaica. Segundo ele, o conceito do mal seria sua principal particularidade. A partir desses trabalhos, nos últimos anos, Boccaccini defende a existência desse movimento, e avança, relacionando-o com o essenismo.

Boccaccini apresentou sua hipótese da ligação do enoquismo com os textos de Qumran, pela primeira vez, na *VI Conferencia de Estudos do Novo Testamento*, organizada pela *Associação Bíblica Italiana*, em 1995. Essa conferência foi revisada e publicada em 1997 na *RSR 7 (Recherche de science religieuse)*; em 1998 ele publicaria, então, *Beyond the Essene Hypothesis*.

Depois das descobertas dos manuscritos do Mar Morto, muitos trabalhos tentaram descortinar a origem daqueles fragmentados textos e a história da comunidade que provavelmente viveu nos arredores do Mar Morto. Uma questão que incomoda e que ainda gera muitas discussões é se realmente onde foram encontrados os manuscritos havia ou não uma comunidade. Alguns acreditam que viviam ali essênios sectários da época dos Macabeus. Outros defenderam, e ainda defendem, que Qumran era uma biblioteca de livros vindos de Jerusalém, ou seja, os textos não pertenceriam a uma comunidade localizada nos arredores do Mar Morto. Por outro lado, há aqueles que apresentam Qumran como antiga estalagem para rotas comerciais. Boccaccini prefere a proposta conhecida como “hipótese de *Groningen*”, a qual defende um movimento essênio maior como origem para a seita de Qumran. Desta hipótese, Boccaccini faz uma convincente apresentação da existência de um movimento escriba-sacerdotal conhecido como judaísmo enóquico ou enoquíta, que teve grande influência no mundo judaico do segundo templo e nos Cristianismos originários. Partindo desse pressuposto, ele construiu a hipótese enóquico-essênia. Em termos gerais, Boccaccini tenta traçar a história da origem da comunidade de Qumran, encontrando na tradição enoquita o ponto de partida.

Após a introdução, o autor divide o texto em três grandes partes. A primeira é dedicada ao estudo de toda a antiga documentação sobre os essênios; uma espécie de estudo das fontes indiretas, que o autor chama de “análise histórica”. Na segunda parte, ele preocupa-se com as fontes diretas, que é a literatura judaica do segundo templo, as quais organiza independentemente das informações derivadas das fontes

indiretas. O autor chama essa pesquisa sobre as fontes diretas de “análise sistemática”. Na terceira parte, Boccaccini compara os resultados do estudo das fontes diretas com as indiretas e identifica o enoquismo com o essenismo da antiga historiografia, afirmando, à luz de suas leituras aos textos judaicos, que o essenismo citado pelos autores antigos era o Judaísmo enoquico e que a comunidade de Qumran foi uma dissensão nesse movimento que tinha Enoque como figura central.

Na “análise histórica”, Boccaccini mostra como os autores judaicos (Fílon e Flávio Josefo) importaram-se, especificamente, em registrar os essênios que viviam na Palestina, enquanto os não judaicos (Plínio e Dio Cassiano), por sua vez, preocuparam-se em registrar os exóticos sectários situados no deserto, perto do Mar Morto. Por isso, concluiu serem os dois contemporâneos. Os de Qumran, na verdade, seriam os enoquitas dissidentes. Como se percebe pelos textos Rolo do Templo e Jubileus, eles desejavam substituir o sacerdócio zadoquita.

Na segunda parte do livro, ao tratar da vasta literatura do segundo templo, o pesquisador italiano trabalha primeiramente com a biblioteca de Qumran. Boccaccini, ao analisar esses textos não os divide em canônicos, apócrifos ou pseudépígrafos, pois em Qumran não há provas se 1 Enoque, o Rolo do Templo, Isaías e Gênesis eram tratados diferentemente. Outro conceito importante para seu trabalho, tratado nessa parte, é o de literatura sectária. A divisão entre textos sectários, textos com conteúdo sectário e não sectário, para o autor, não leva em consideração seu conteúdo e nem sua cronologia. Por isso, ele é levado a acreditar que a biblioteca de Qumran desenvolve-se de textos *não sectários* para textos *sectários*.

Para Boccaccini, o Judaísmo enoquita acreditava que seus membros, ao possuírem a sabedoria divina contida nos textos de Enoque, tornavam-se em uma comunidade escatológica de escolhidos, que esperavam o julgamento e a consumação do fim dos tempos. Na verdade, não podemos saber como se chamavam ou se autodenominavam, mas certamente tinham Enoque como figura central.

Segundo o autor, esses textos de Enoque foram escritos por membros do sacerdócio de Jerusalém, mas um grupo antisadoquita. Uma espécie de movimento sacerdotal dissidente, ativo em Israel no fim do período persa e início do período helênico (IV séc.). Contudo, Boc-

caccini deixa claro que o enoquismo era um grupo de oposição entre a elite do templo, e não um simples grupo de separatistas. Os dois grupos interpretavam Ezequiel diferentemente e tinham idéias completamente contrastantes sobre a origem do mal. E ainda, o centro do judaísmo enoquita não era a Torá, nem o Templo. Até cerca de 200 a.C, enoquismo e sadoquismo eram duas linhas distintas e paralelas de pensamento no judaísmo.

A literatura sadoquita seria composta pelos os textos bíblicos, com exceção do final de Esdras e Daniel, e os apócrifos *Epístola de Jeremias*, *Tobias* e *Siracida*. A literatura sadoquita consistia num grupo de tradições antigas produzidas no judaísmo, mas durante o período persa e helênico foram coletadas, editadas e transmitidas pelos sacerdotes de Jerusalém da casa de Sadoque.

Para o autor, este enoquismo judaico é o moderno nome dado para os conhecidos essênios, do qual surgiu a comunidade que vivia em Qumran, como uma filha radical, dissidente e marginal. Para Boccaccini, o primeiro documento que registra o racha no enoquismo/essenismo é o “Documento de Damasco” (CD), que mostra em que ocasião uma parte do movimento enóquico/essênio separou-se, seguindo o Mestre da Justiça. Para o Documento de Damasco, os seguidores do Mestre da Justiça são os eleitos entre os eleitos, o verdadeiro Israel, a verdadeira casa de Judá. Por isso, Bocaccini conclui que os qumranitas não são sadoquitas, mas enoquitas. Subsequentemente, o judaísmo enóquico/essênio rejeitou Qumran. Assim, enoquismo e essenismo são sinônimos para um mesmo movimento presente na Palestina, e os qumranitas fazem parte de uma facção dos essênios/enoquitas. As principais razões para a separação foram as doutrinas do dualismo cósmico e a predestinação individual que tinham os dissidentes.

No fim de seu texto, Boccaccini mostra vários benefícios de sua hipótese. Entre eles, está uma contribuição para uma melhor compreensão das origens cristãs, que teria supostamente suas raízes no enoquismo maior e não na seita de Qumran. Neste ponto, acho ser esta uma afirmação um pouco precipitada, pois textos indiscutivelmente sectários, como 11Q13, apresentam temas para ideias presentes em textos do Novo Testamento. Até mesmo o dualismo e a predestinação, comuns em Qumran, e, para o autor, ideias contrárias à teologia

do enoquismo maior, estão presentes nas doutrinas de alguns grupos cristãos.

A hipótese de Boccaccini foi avaliada nas duas reuniões do *Enoch Seminar*, em 2001 e 2003, na Itália, resultando na publicação dos *papers* em 2005, na forma de livro (*Enoch And Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection*). A grande crítica à sua hipótese resume-se em afirmar que se o judaísmo enoquita é antisadoquita e se há ligação entre Qumran e os textos da tradição de Enoque não seria possível tratar os qumranitas como “filhos de Zadoque” (Martone, 2005, p. 360). Por isso, a conclusão: “os qumranitas seriam membros da família de Sadoque e não do enoquismo-essenismo”. Boccaccini faz pelo menos quatro contra-repostas (Boccaccini, 2005, p. 13):

1. As antigas fontes acreditam que os descendentes do sumo sacerdote Sadoquita fugiram não para Qumran, mas para o Egito, onde construíram um templo rival em Heliópolis;

2. Há mais material de textos enoquicos em Qumran do que sadoquita, e mais referências a Enoque do que a Sadoque. Sendo sadoquitas, por que preservariam tantos textos não sadoquitas?

3. A teologia enoquica estava presente na seita de Qumran. Se os qumranitas eram sadoquitas, por que dividiriam a ideia enoquita de que o templo era contaminado desde sua origem e a não legitimidade do sacerdócio? Sendo eles sadoquitas, deveriam defender a pureza do templo antes da chegada dos macabeus.

4. O chamarem-se de “filhos de Sadoque” seria uma prova de desprezo a tudo que os sadoquitas tinham feito e uma demonstração de estima à literatura dos inimigos dos enoquitas-essenios. Ou seja, defende a expressão “filhos de sadoque” como algo tipológico, seguindo Philip Davies, e não como uma prova de relação genealógica.

A hipótese de Boccaccini é alicerçada em um método bem claro, por isso seu trabalho é muito convincente. Sobre as críticas em relação ao sadoquismo do *Documento de Damasco*, deve ser levada em consideração a proposta interpretativa do autor, que segue outros pesquisadores. E mais, desde a década de oitenta já se falava do não sadoquismo de Qumran. Pode-se ainda sublinhar a maneira como

ele trabalha o vasto número de fontes e a complexa teia de relações feita entre os textos. Contudo, se alguma de suas propostas de datação estiver comprovadamente errada, toda sua construção desmorona.

Nesse sentido, cito a opinião de Paul Sacchi sobre o trabalho de Boccaccini: “Este livro é produto de um considerável esforço intelectual destinado ao conhecimento das idéias do Segundo Templo” (Sacchi, 1998, p. 367). Sua proposta de mover-se da hipótese de *Groningen*, primeiramente apresentada por Florentino García Martínez e Adam Simon van der Woude, dá novos ares à pesquisa e abre novas possibilidades para entendermos as idéias do(s) Judaísmo(s) do período do Segundo Templo. Como o próprio Boccaccini afirma, a hipótese enóquica/essênica confirma e clareia a hipótese de Groningen, a saber, que Qumran e essenismo devem ser tratados como dois fenômenos distintos. Independentemente da aceitação ou não de sua hipótese, o livro é muito rico em informações, apresenta ótima revisão bibliográfica sobre os textos do judaísmo do segundo templo e disponibiliza interessantes leituras desta literatura. O leitor acostumado aos textos canônicos encontrará nesta obra novos horizontes de leitura.

Referências Bibliográficas

- BOCCACCINI, G. *Introdução: From the Enoch Literature to Enochic Judaism*. In: BOCCACCINI, G. **I Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2005.
- MARTONE, C. *Beyond Beyond the Essene Hypothesis: Some Observations on the Qumran Zadokite Priesthood*. In: BOCCACCINI, G. **Enoch And Qumran Origins: New Light On A Forgotten Connection**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2005, pp. 360-364.
- SACCHI, P. Enochism, Qumranism and Apocalyptic: Some Thoughts on a Recent Book. In: **Henoah** 20 (1998): 357-365.